

Boletim O Gabelense

ano IX – nº 19 / Dezembro 2006

nós por cá...

e agora gabelenses

**é urgente repensar o nosso
desporto**

2º. semestre de 2006

Já não há que ter complexos ou receio de sermos intrusos, um estorvo para a sociedade que nos acolheu, nem sempre com muita simpatia e, por vezes, sem nenhum entusiasmo...

Fomos rotulados de "retornados" e recebidos nosso país com a sobrançeria desdenhosa e desconfiada de quem vê chegar uma horda de desalojados que na certa lhes iria roubar os empregos e destabilizar as suas vidinhas tranquilas neste jardim à beira-mar plantado! Era esta a mentalidade de grande parte dos nossos compatriotas da metrópole e em especial daqueles que nunca nos tinham visto com bons olhos, apodando-nos de africanistas ambiciosos e sem escrúpulos que, apenas tinham feito fortuna á custa da exploração indígena e, por último, únicos beneficiários de uma guerra colonial injusta, onde os seus filhos morriam para defender interesses que não eram os seus!...

Com a "revolução" fez-se justiça. Devolveu-se a liberdade aos povos oprimidos, que afinal foram quem construiu os seus Países, numa descolonização exemplar, fazendo retornar os colonos, depois de devidamente saqueados do "espólio dos seus roubos"...

Valeu-nos a misericórdia e a boa vontade de outros países que se solidarizaram para organizar a tão famosa ponte aérea que nos despejou em Portugal onde as estruturas económicas estavam na penúria, em especial a restauração! Valeu à hotelaria aqueles mesitos em que receberam estes clientes forçados, para tirarem a barriga de misérias e fazerem frente a uma situação que caminhava a passos largos para a falência e conseqüente encerramento de muitas unidades hoteleiras!

Entretanto Portugal transformou-se, com a democracia passamos todos a ser portugueses, embora discriminados e com uma minoria a beneficiar dos apoios que

vieram de diversos países, nem sempre bem geridos pelo Governo ...

Valeu contudo a experiência e a mentalidade esforçada dos que demandaram outras paragens à procura do que lhes era negado em terra madrastra, contribuindo com o seu esforço e sem desânimo, numa vida nova, agora integrados e desenvolvendo actividades como comerciantes, agricultores, industriais, como outrora o tinham feito, lutando com coragem e espírito de sacrifício perpetuando assim o espírito de um povo abnegado e trabalhador...

Este o elogio merecido que fazemos a todos os que foram apelidados de "retornados" e em especial aos gabelenses, que exultamos para que sigam na senda do progresso, apoiando com o seu esforço e experiência o desenvolvimento do País onde estamos integrados.

A Direcção da Associação.

índice

editorial	pág. 2
gabelenses	pág. 3
mensagem ao leitor	pág. 4
convite	pág. 4
ai ué angola...	pág. 5
nós por cá...	pág. 6
e agora gabelenses	pág. 7
o poema...	pág. 8
kibala!	pág. 9
em busca da felicidade perdida	pág. 12
é urgente repensar o nosso desporto	pág. 13
áfrica minha... sonho meu	pág. 14
álbum...	pág. 19

ficha técnica

propriedade

Associação dos Naturais ex-Residentes e Amigos da Gabela
Rua Américo Durão, lote 16 – 7º C
1900 LISBOA
Telefone: 21 848 23 23

redacção

Todos os Gabelenses c/ a supervisão de Acácio Oliveira

composição gráfica

Tipolito – Gráfica Regional, Lda.

impressão

Tipolito – Gráfica Regional, Lda.

periodicidade

Semestral

gabelenses

carlos teodósio (néné)

Durante todos estes anos de existência da revista "Gabelenses", com inúmeros acontecimentos e experiências relatados, por quem lá viveu, nunca foram referenciados os grupos musicais que passaram pela Gabela até ao ano de 74, altura em que nos vimos obrigados a abandonar as nossas casas com destino a Portugal.

Chegou o momento de escrever alguns comentários relativamente a isso.

Quem não se lembra dos bailes e matinés dançantes realizados no ARA e no Sporting? Fins de ano, baile das Vicentinas e finalistas?

Pois foi assim ao longo de muitos anos, começando pelos ÁTOMOS. Éramos então muito jovens e, no decorrer da década de sessenta, procurávamos dinamizar com todos esses eventos musicais a nossa terra e preencher momentos de lazer que perduraram até à nossa vinda para Portugal.

Quem não se lembra do EQUIPA 5? E mais tarde CONTACTO 7? Mesquita, Puga, Jorge Machado, Luís Castro, Néné, Boneco, Rui Amaral, Pedro Amaral, Rui Louro, Armando (golias), Caputo, Aurélio, enfim... perdoem-me se me esqueci de alguém, mas foram estes os elementos que ao longo de muitos anos abrilhantaram e animaram muitas festas e bailes na Gabela e não só! Quíbalá, CADA, Assango, Condé, Calulo, tocamos em muitas terras onde a alegria, o divertimento e o convívio pela amizade era factor de união e crescimento

saudável de toda uma geração. Houve inclusive uma altura em que existiam duas bandas ao mesmo tempo

Quando da nossa vinda para Portugal, na década de 70, muita da bagagem que cada um de nós trazia era unicamente o seu instrumento musical e foi assim que mais uma vez o conjunto CONTACTO 7 renasceu e deu início a festas de Verão por este país fora, granjeando muita simpatia, e procura também, por parte dos grupos organizadores destes eventos.

Na década de oitenta, novamente com elementos da Gabela

surge o grupo musical chamado "a Outra Banda" que durante alguns anos também realizou, em Portugal, bastantes espectáculos musicais e festas de fim de ano.

Em 2005, como o bichinho permanece cá dentro, e agora já mais cotas, reunimos mais uma vez o Puga, Luís Castro, Rui Amaral, Pedro Amaral, Néné e Mafalda para brincarmos às violas e apostar num projecto em que possamos conviver um pouco mais e com música de preferência, tendo para este fim de ano prevista uma participação discreta mas divertida, na Anadia.



Uma das formações do Átomos: da Esq. para a Direita, Zé Armando (golias), N'ené, Jorge Machado, Puga, Luis Castro (De Gaulle)



mensagem ao leitor



silva carvalho

MENSAGEM AO LEITOR:

Faça desta rubrica a sua comunicação aos gabelenses:

Por vezes as comunicações que temos não são as mais desejadas para noticiar. Porém a solidariedade e o carinho em tempo oportuno são também manifestações para os que sofrem.

Contacto com certa frequência, se calhar não tantas vezes como desejava, para os confortar, gabelenses que sempre me consideraram e continuo a estimar e que, neste momento padecem de males, por doença prolongada:

Sócio nº.: 36, CARLOS DOS SANTOS SIMÕES (Simões do M. Cunha)- Lisboa.

Às esposas com quem contacto desejo sinceramente que os seus maridos se restabeleçam, que será o desejo de todos gabelenses, para que voltem ao nosso convívio.

Sócio nº.: 27, ARMANDO JOSÉ CAMPOS Campos da Lussamba Alfandega da Fé, Telefone: 279 468 018.

convite

Convidamos os patrícios e conterrâneos angolanos, e mais amigos das terras africanas para um convívio na noite de passagem de ano 2006/2007, a realizar no salão de festas do **ARA (Associação Recreativa de Ancas)**, **ANCAS- Anadia com a participação musical da "A OUTRA BANDA"** composta por antigos elementos dos **Átomos da Gabela (José Puga,Rui Amaral ,Néné, Luis Castro)** e um novo elemento a **Mafalda**.

À boa maneira Angolana cada um traz a sua ceia e as bebidas.

A participação é de **80 euros mesa/quatro pessoas com direito a uma garrafa de espumante**. Crianças e adolescentes até aos 14 anos não participam.

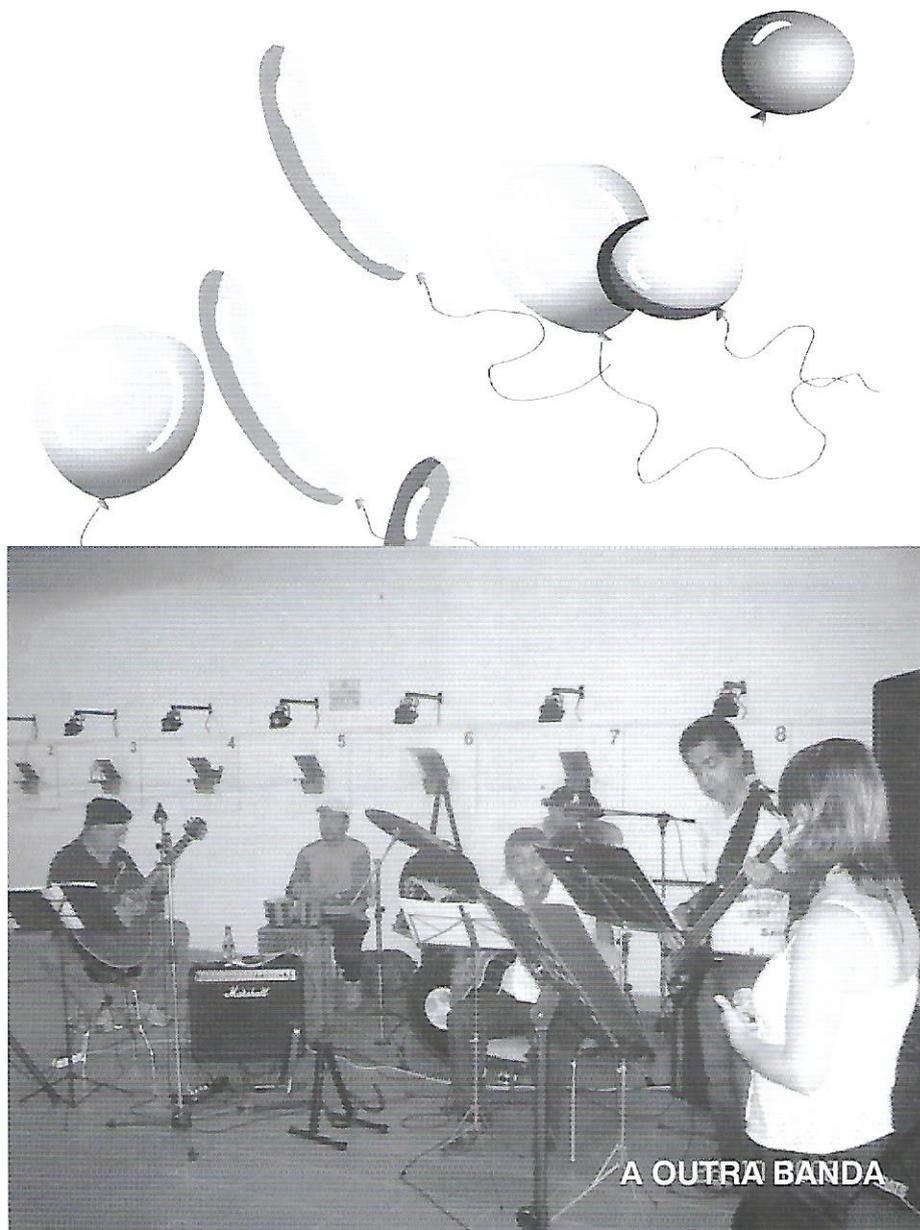
Esta participação destina-se a ajudar ao pagamento das despesas da organização.

NOTA- Devido a limitação de lugares todos os interessados devem confirmar as vossas reservas **até 20 de Dezembro** para

oscaroliveira@gmail.com
telemóvel 919927216

luis_castro@netcabo.pt
telemóvel 968800085

ANEXO- mapa de localização



ai ué angola...



são marques

Este ano lectivo estou a dar aulas em Vila Velha de Ródão, na Escola do 3º ciclo, e os meus alunos adoram histórias de Angola.

Sou uma saudosista, reconheço...! Perdoem-me por isso...Como dizia a música do Duo Ouro Negro "...Não levem a mal, eu falar tanto dela...não levem a mal, eu gostar tanto dela...".

Falo demais de Angola, sonho demais com as suas praias e ainda acredito no seu povo. Tenho saudades das farras no A.R.A. da Gabela, das noites de fado com fadistas amadores espectaculares (até eu já cantava o fado), e dos (as) amigos(as)



verdadeiros que tinha.

Presentemente, leio um romance de Pepetela cujo título é *Predadores* e que recomendo. Começa com um crime passionnal e, embora seja um romance, é um relato interessante da realidade angolana. Descreve a ascensão empresarial de Caposso, nascido em Calulo. Caposso cedo aprendeu que:

"cada indivíduo tem um preço...e que a arte era saber a quem pagar..." E assim "...os negócios eram cada vez maiores e mais seguros...tinha acesso aos gabinetes ministeriais...influenciava a tomada de decisões e apoderava-se de informações ultra-confidenciais..." "Assim engordava um tubarão..." Ai ué...!

Quantos tubarões engordaram e engordam em Angola?... Império da corrupção...nisso Angola é grandiosa.

Acredito que o pior já passou. Julgo que a maioria já abriu os olhos e, já sabe como denunciar e combater os corruptos...Grande maKa!

Dir-me-ão, não é somente em Angola que existe corrupção...é certo! Em todo o lado existe, infelizmente! Em Portugal também se verifica, e não é só no futebol!

Em Portugal é notória a manipulação da informação, há derrapagens nos projectos de todas as obras públicas, a dívida externa é enorme, sendo Espanha o principal credor, a política externa e interna é um desastre. Cada

Português tem uma dívida externa enorme, sem que tenha consciência disso.

O governo Português é hábil em iludir os portugueses, desvia a atenção da população dos grandes problemas, atacando a função pública que é um óptimo bode expiatório!. A função pública é a causadora das derrapagens em todas as obras públicas...é ela a causadora do desgoverno deste país ...dos E.U.A nos deverem milhões de dólares ...de mantermos militares em vários cenários externos que aumentam as despesas no orçamento ...dos deputados e ministros terem salários e regalias escandalosos, é culpa da função pública. Como eu gostaria de ser deputada...de ter direito às reformas que eles tem (é tudo por culpa da função pública) e demais regalias.

Recentemente, sugeri ao meu filho mais novo que fosse para político (ele é um óptimo relações públicas e sedutor). Resposta imediata "Mãe, eu não sei mentir..." Fiquei sem palavras...



nós por cá...



jorge domingues

O mundo continua a evoluir, nos países desenvolvidos os governos governam os cidadãos, preocupam-se com o bem estar das nações, promovem a justiça social, o povo vive com dignidade e é feliz. Nós por cá continuamos tristes. Nós por cá continuamos a pagar e bem, sem saber para quê nem para quem. Pagamos impostos para ter direito à saúde, ao ensino, aos transportes, mas temos que pagar e bem a saúde, o ensino, os transportes e taxas e percentagens e estacionamento. Não falta muito teremos que pagar para respirar. O estado continua a ser muito eficiente a cobrar e a penhorar, mas já não é tão eficiente a pagar. A política continua a ser a aumentar a receita quando devia ser racionalizar os gastos e cortar nas despesas.

Nós por cá continuamos a ter uma máquina do estado em que o despesismo e o clientelismo aumenta, começando na junta de freguesia e acabando nos ministérios. A brigada de trânsito da GNR tem quinze generais, continuamos a ter mais almirantes que barcos e mais oficiais que soldados. Na economia o sector produtivo praticamente não existe porque é fortemente penalizado pelos impostos. A economia assenta no comércio em que a máquina fiscal tem mais dificuldade em fiscalizar. A corrupção existe a todos os níveis. A população portuguesa está envelhecida e a prioridade do governo é a lei do aborto. Não se vê que os gastos na saúde são

um investimento. Poupa-se, encerram-se e cortam-se verbas e temos a população doente, triste, não produtiva. Os índices de tuberculoses e sida são muito altos.

Os centros de saúde não funcionam, encerram-se as maternidades. Portugal deve ser o país europeu com pior saúde oral não existem centros que tratem os dentes à população. Da receita fiscal 60% é para pagar à função pública; onde é que o governo corta? No ensino, na saúde; não corta forças armadas! Lá diz o hino nação valente... e eu acrescento mas doente e bruta.

Tem que se poupar o TGV não está projectado, mas já se gastaram milhões em estudos e análises e artigos de opinião. É preciso cobrar portagens nas SCUTS? Então encomenda-se um estudo de viabilidade a uma empresa e contrata-se outra para avaliar a idoneidade da empresa que vai fazer o estudo de viabilidade.

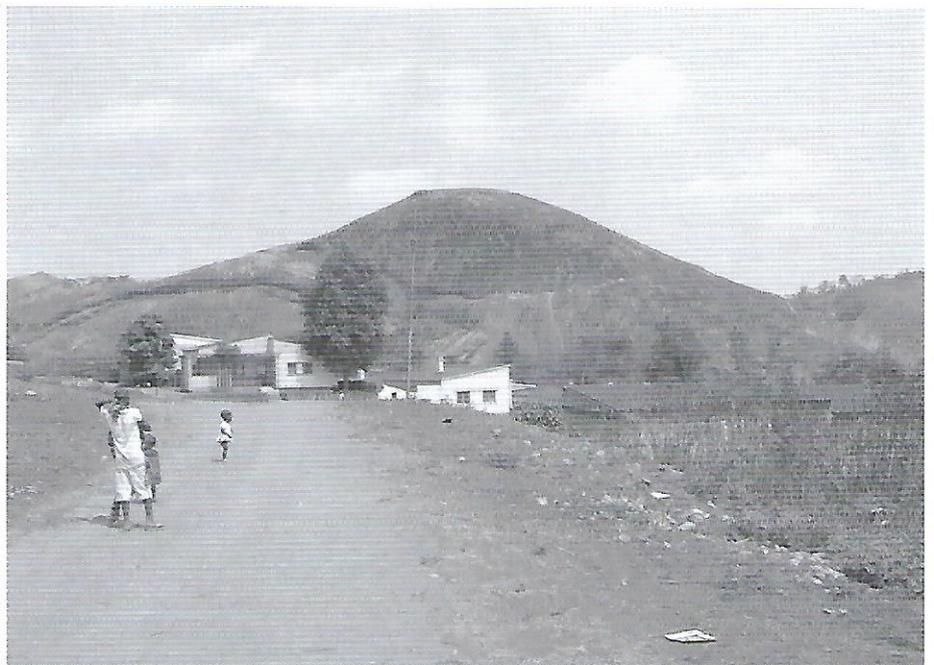
O país continua a arder? Então vão contratar-se empresas e meios aéreos para apagar fogos que, logicamente quanto mais arder mais ganham. O ministério do ambiente deve ser reforçado, então além do ministro e dos secretários de estado nomeiem-se consultores, chefes de gabinete, subsecretários e adjuntos.

E nós por cá continuamos a ver novelas e futebol. Aumentam e nós pagamos, porque o direito à indignação é para os outros, os espertos. O 25 de Abril foi há 30 anos. A Espanha nessa data era um país mais atrasado que Portugal; hoje é uma potência a nível Europeu e tem impacto no desporto, nas artes, na cultura; eles tiveram Aznar, nós tivemos Aznar eles tiveram o Suarez, nós tivemos o outro. Nós por cá continuamos a ser dez milhões, dois milhões a viver com o estatuto de pobreza. A nossa canção é o fado, o fado é o nosso destino e o destino dos povos que acreditaram em nós.

Para que conste os países africanos de língua portuguesa são dos países mais pobres do globo. Na Guiné três em cada quatro pessoas vive na miséria absoluta, em Moçambique e, em Timor e, em Angola.

Nós por cá continuamos a ter operações STOP em que um ministro é apanhado em excesso de velocidade e o agente de trânsito faz a continência e manda seguir viagem. Se não é ministro, carta apreendida, multa, tribunal.

Nós por cá....



e agora gabelenses

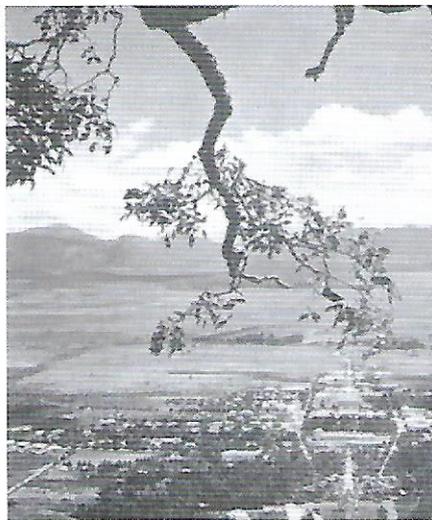
como se vive na terra do "oásis", da Tanga"... e...



silva carvalho

Estamos integrados? Uns mais que outros, outros assim assim e ainda alguns menos que mais e pior que os outros assim assim ...

Inserimo-nos na sociedade do "PUTO", com todas as virtude e defeitos que são notórias em todas as sociedades, umas mais disponíveis, outras paternalistas, em que ninguém é ninguém, peças de uma estrutura associativa, uma espécie de industria social, conotada com regras discriminativas, dependentes de cúpulas quase sempre injustas,



desajustadas, com assimetrias descomunais e ideias importadas de cartilhas, que não a de João de Deus, esgotadas dos seus preconceitos - os ricos e novos ricos mais afastados dos pobres e, no meio, uma classe média, que tende mais para lá (pobreza) que para cá (novos ricos), balançando, instável e cada vez mais preocupada para se manter e aos seus, vivendo em sobressalto, mas acreditando no futuro (acreditar é a sua virtude), numa velhice tranquila em que os jovens tenham confiança, realizem os seus projectos,

numa sociedade justa e com esperança de vida, sem exclusões, em que se premiem os melhores, com oportunidades para todos, sem enteados, desprotegidos e/ou marginalizados. Continue a haver contestações, luta pelos direitos, com deveres e obrigações para todos direita, centro, esquerda, indecisos e apolíticos, como para religiosos, agnósticos, ateus e indiferentes, que votem ou não, sem esquecer que todos, ricos, pobres e assim assim, somos portugueses, filhos da mesma Nação! Que se não repitam os erros do passado e no presente se deixe de intimidar com os seus fantasmas, obrigando a maioria a viver expectante e melancólica, ante o espectro do adágio "diz-me o que tens dir-te-ei o que vales" ...

Deixem de haver os privilegiados e os pobres coitados, que todos lamentamos e nada fazemos para os compensar. Não às esmolas, sim à recuperação dos que necessitam, dos excluídos, marginalizados e fim aos sem abrigo ...

Os "ricos que paguem", o "povo que aperte o cinto", mas que se construa uma sociedade justa, a tão aclamada bandeira da democracia, mas nunca hasteada pelos arautos revolucionários que nos têm governado. Sejam sinceros e leais, o povo exige que governem os melhores para que deixemos de ser os mendigos da Europa, embalados na senda da desgraça, buscando no passado as culpas da nossa incapacidade no presente ...

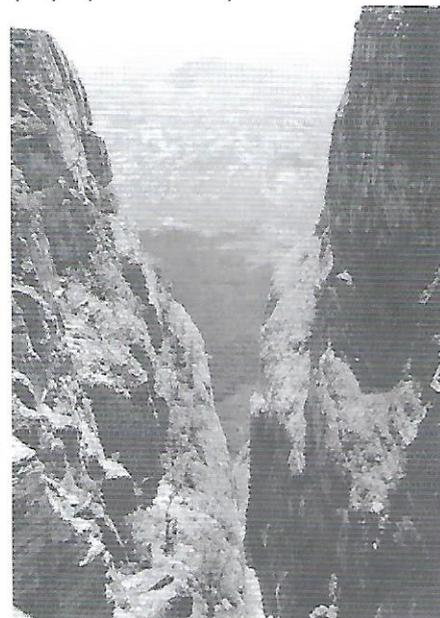
Passemos de subsidiados a comparticipantes da UE. Sejamos orgulhosos da nossa gesta, das nossas façanhas, do espírito empreendedor do povo, da nossa história e passado glorioso, recuperando a identidade que perdemos e que a revolução ainda não nos devolveu, para em liberdade, competirmos e ganharmos aos melhores ...

Todos com o Povo que vos elege, pensando na Nação, num Portugal digno, orgulhoso pelos bons exemplos e índices de progresso e não humilhados pela negativa, na cauda da

Europa. Antes "orgulhosos e sós", hoje, de mão estendida, esquecidos que como país soberano e independente, somos pioneiros na Europa e no Mundo.

E agora nós gabelenses:

A nossa associação existe desde que cá chegamos e ao longo dos anos é o suporte do encontro de amigos que conversam, recordam anos de vida, que nem sempre foram de alegria, difíceis e com imensos precalços. Para os mais velhos de constantes confrontos, isolamento, desânimo tratando dos seus doentes e enterrando os mortos, vítimas de epidemias tropicais. Era comum, perto das suas casas, existirem campas dos familiares que perpetuavam o que foi a luta dos



primeiros habitantes que demandaram o interior inóspito, de terras longínquas à busca do que a sua lhes negava.

Não foram filhos pródigos que voltaram, muito menos retornados, porque só uma revolução que os votou ao abandono os obrigou a regressar, fugindo do que nunca tiveram medo, espoliados, sem alternativas, inconformados, abalados mas prontos a recomeçar aqui a sua vida, sem desfalecimento, embora com muitas contrariedades e, talvez, sem o ânimo doutros tempos.

O insucesso não foi nosso. Construímos, trabalhamos, ficou patente

o espírito empreendedor dos portugueses no continente africano e o produto do seu esforço. Países independentes, onde a maior riqueza, era a estabilidade e a manutenção das populações, suprimindo carências que hoje estão à vista, com povos com índices altos de desnutrição e fome, antes apoiados numa agricultura e pecuária, onde trabalhavam e num circuito económico em todo o interior que permitia o escoamento dos produtos num negócio de permuta com as populações autóctenas que as produziam.

Agora é continuar, mostrar ténpera do que foi construir um País, abandoná-lo, participar na reconstrução de outro (mais pequeno) competindo, desenvolvendo, recuperando valores e ânimo que sentíamos perdidos. Valeu-nos a experiência a vontade e espírito

esforçado que assumimos que era, aliás, o nosso paradigma, para além de demonstrar que não foi por acaso o êxito do português em se afirmar, quando confrontado com o esforço do seu trabalho. Por isso existem países independentes como Cabo Verde, S.Tomé, Guiné, Angola, Moçambique e Timor e antes o Brasil, comunidades lusófonas que nos orgulham, assim como tantos emigrantes portugueses, dando o seu contributo por esse mundo fora ...

É só continuar, para exemplo dos vindouros, nunca esmorecendo ante os sacrifícios, que não cessam de ser pedidos ao povo já lá vão mais de 30 anos. A todos os portugueses e, aos gabelenses em especial, que um dia sejam reconhecidos pelo que fizeram por si em prol da sua Pátria Portugal que nunca negaram.

o poema... comentário



silva carvalho

O poema de "autor anónimo", atribuído a Garcia Marquez, GABRIEL GARCIA MARQUEZ, nascido em 1928, na Colômbia é, mundialmente considerado um dos mais relevantes expoentes da literatura latino americana, obteve o prémio Nobel da literatura em 1982.

Porém, o escritor já negou que fosse o autor do poema e lamentou a "repercussão do texto" ligado a si.

Não navego na internet, porque não me dou lá muito bem com as novas tecnologias. Contudo alguém me fez chegar o "poema", que circula na internet e foi notícia em jornais. Em boa hora o fez!

Seja ou não do autor, verdadeiro ou não, o poema mexeu comigo, sensibilizou-me, encantou-me, porque reflete um conteúdo, que

terá já aflorado a muitas mentes, com uma questão que preenche muitas dúvidas que se nos deparam e a reacção ou resposta que teríamos, se pudessemos em dado momento, tal como a "MARIONETE" escolher.

Sinceramente a minha opção seria a mesma e o comportamento que sempre tive na vida e, agora na velhice. Assumi sempre os meus actos, reconhecendo os menos bons e pedindo desculpa dos maus. Olhar sempre para cima ...mas nunca esquecendo os que estão em baixo!. Marcou-me entre outras a expressão do texto: " um homem unicamente tem o direito de olhar outro homem de cima para baixo, quando o tiver ajudado a levantar" ...

O poema é, no todo, uma boa lição sobre qual todos devíamos pensar e sobretudo reflectir sobre o nosso comportamento na sociedade em que vivemos, cheia de promessas, que se não cumprem, porque não temos vontade de modificar a nossa conduta em relação ao próximo. Somos demasiado egoístas e só vemos os nossos interesses.

E, assim, fico a pensar se como a "MARIONETE", por um instante Deus nos permitisse, o que faria ou melhor o que faríamos ... Dá para pensar...-

Silva Carvalho
Dezembro de 2006

Marionete

*Se por um instante Deus se esquecesse
de que sou uma marionete de trapo,
e me presenteasse um pedaço de vida
possivelmente não diria tudo o que penso,
mas definitivamente pensaria tudo o que digo*

*Dana valor às coisas, não pelo que valem,
senão pelo que significam
Dormiria pouco e sonharia mais,
entendo que por cada minuto que fechamos os olhos,
perdemos sessenta segundos de luz*

*Andaria quando os demais se detêm,
despertaria quando os demais dormem,
escutaria enquanto os demais falam, e como
desfrutaria de um bom sorvete de chocolate*

*Se Deus me obsequiasse um pedaço de vida,
me vestiria com simplicidade,
me aitaria de braços ao sol,
deixando descoberto, não somente meu corpo,
mas também minha alma*

*Deus meu, se eu tivesse um coração ...
Escreveria meu ódio sobre o gelo,
e esperaria que saísse o sol*

*Pintaria com um sonho de Van Gogh
sobre as estrelas um poema de Benedetti,
e uma canção de Serrat seria a serenata
que ofereceria à luz*

*Regaria com minhas lágrimas as rosas,
para sentir a dor de seus espinhos,
e o encarnado beijo de suas pétalas.*

*Deus meu, se eu tivesse um pedaço de vida ...
Não deixaria passar um só dia
sem dizer à gente que quero, que a quero
Convencera a cada mulher e homem
de que são meus favontos e vivera enamorado do amor*

*Aos homens provava quão equivocados estão ao pensar
que deixam de enamorar-se quando envelhecem,
sem saber que envelhecem
quando deixam de se enamorar*

*A uma criança dana asas, mas deixaria
que ela aprendesse a voar sozinha
Aos velhos, a meus velhos, ensinava que a morte
não chega com a velhice, mas com o esquecimento*

*Tantas coisas aprendi de vocês, homens
Aprendi que o mundo todo quer viver no alto da montanha
sem saber que a verdadeira felicidade está
na forma de subir a escurpa*

*Aprendi que quando um recém-nascido
aperta com seu pequeno polegar pela primeira
vez o dedo de seu pai,
o tem amarrado para sempre*

*Aprendido que um homem unicamente tem direito de olhar
outro homem de cima para baixo,
quando o tiver ajudado a se levantar.*

*São tantas coisas as que pude aprender de vocês,
mas finalmente de muito não haverão de servir
porque quando me guardem dentro desta maleta,
infelizmente estava morrendo*

De autor anónimo
Atribuído a García Márquez



kibala!



são sabugueiro

Não sou de cá! De lá também não!
Adquiri uma terra por nascimento e uma nacionalidade.

Nasci numa Terra, (que me desculpem os demais), a mais linda Terra de Angola! Kibala!

Quer queiram, quer não de Angola sou natural, mesmo que considerem o meu nascimento em Angola, puro acidente!.

A esta questão eu respondo com brío, muito carinho e sinceridade:

- Ainda bem que esse acidente ocorreu, sou orgulhosamente feliz. E acrescento, não se arrependeu ainda minha mãe por na Kibala me ter parido!.

Orgulhosa, porque da minha terra trouxe a fé, a esperança, a força para seguir o meu caminho, a amizade e o amor!

Orgulhosa porque na minha mala vieram os meus amigos, amigos



verdadeiros e de grande coração, amigos que guardo com muito carinho.

Orgulhosa, porque a minha Terra é um dos mais belos jardins de Nzambi. O colorido da terra, contrasta com o verde



das savanas, com o negro das penedias e morros, com mais puro cristal das águas do rio; a completar a beleza do jardim, o colorido das flores, lindas e belas... "As suas gentes".

Feliz, porque aprendi a amar a língua de Camões e uma Bandeira. Feliz porque soube caminhar sem amargura, sem culpas nem culpados.

Feliz porque não acredito na destruição definitiva. "o que o Homem construiu, o Homem que volte a construir".

Será que algum dos nossos Kibalenses vai ajudar na reconstrução? Esperemos para vê!...

Apenas uma dor de dúvida tenho comigo, será que os corações dilacerados, tristes e amargurados,

também se reconstroem?

Voltei a Angola, vi mancha de destruição, assisti à violência da guerra em 1984!...

Não temi a força das armas, temi sim, a maldade Humana, o olhar incrédulo e amargurado de nossas gentes! Temi o olhar triste e ofendido de crianças, jovens e adultos. Temi a força do ódio, a vingança!

Percebi algo muito importante!

Não importa mudar a política, nem os políticos, não importa o grito de Democracia e Liberdade! Não importa ser Monárquico ou Republicano.

O que importa é saber, quando muda o Homem!



ALIANÇA

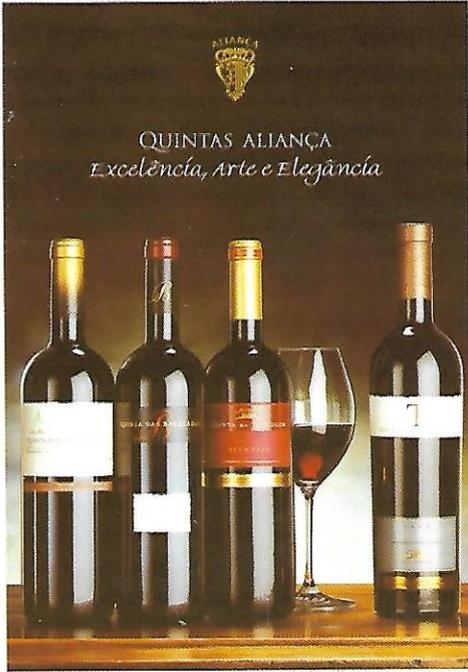
As Caves Aliança foram fundadas há mais de 75 anos, em 1927, por 11 associados liderados por Domingos Silva e Angelo Neves, em Sangalhos, na região Demarcada da Bairrada.

Desde logo a empresa começou a exportar para o Brasil, África e Europa, sendo hoje, quer em Portugal quer nos cerca de 60 países para onde exporta 50% da sua produção, sinónimo de vinhos, espumantes e aguardentes de qualidade.

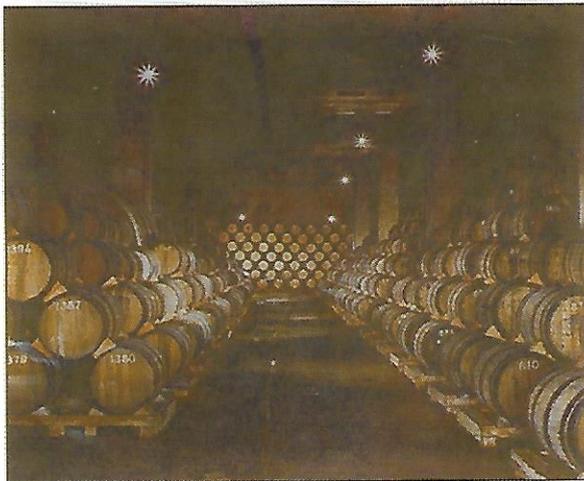
As Caves Aliança cresceram e modernizaram-se, organizando-se numa estrutura de Grupo. A forte aposta na qualidade levou a empresa a adquirir Quintas nas principais regiões como o Alentejo, Dão, Douro, Bairrada e as Beiras, explorando cerca de 500 ha de vinhas.

Nestas explorações foi encetado um profundo trabalho de reconversão e plantação de vinhas. Este trabalho tem vindo a ser desenvolvido pela equipe técnica de Caves Aliança, em parceria com dois "world Class WineMakers" Michel Rolland e Pascal Chatonnet.

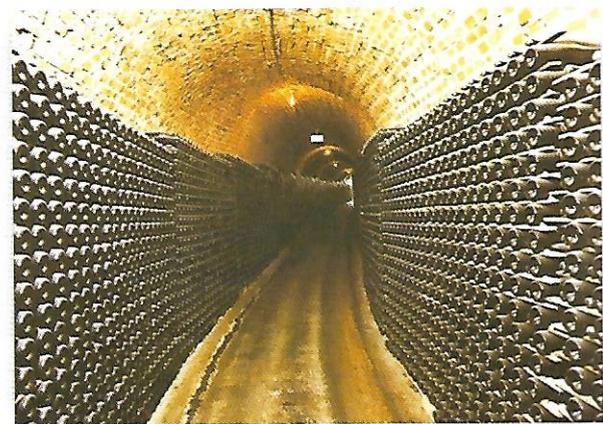
O investimento feito nas áreas da produção estende-se também ao nível da vinificação, com instalação de modernas adegas e constituição de um parque de barricas de carvalho de elevada qualidade, para estágio dos vinhos. Esta estratégia está já a dar os seus frutos, como poderemos constatar pelos inúmeros prémios obtidos recentemente, quer no país, quer no estrangeiro.



Nas nossas destilarias privativas, utilizando os alambiques "charantais", após rigorosa selecção dos vinhos a destilar, sai a mais completa colecção de aguardentes velhas produzidas por qualquer empresa em Portugal. Envelhecidas durante vários anos em barricas de carvalho de 225 e 300 litros preparadas nas nossas próprias tanoarias de acordo com as mais ancestrais tradições, estas nossas prestigiadas aguardentes velhas têm colocado as Caves Aliança na liderança do mercado português.



Há mais de 70 anos que as Caves Aliança produzem espumante, seguindo a tradição rigorosa do Método Champanhês ou Clássico. Com uvas rigorosamente seleccionadas para o efeito, a partir das castas locais brancas Bical, Sercial, Arinto e Chardonnay e da casta tinta Baga, vinificadas na própria adega de Sangalhos, estagiam permanentemente nas profundezas das caves subterrâneas mais de 2 milhões de garrafas, antes de serem introduzidas no mercado.



QUINTAS ALIANÇA



QUINTA DOS QUATRO VENTOS



Região: Douro Superior - Vila Nova de Foz Côa

Com uma área total de cerca de 150 hectares esta quinta centenária está situada no Douro Superior, nos limites das freguesias de Seixas e Numão, no concelho de Vila Nova de Foz Côa. Dispõe de um total de 45 hectares de vinha em patamares e vinha ao alto de plantação recente com as castas tradicionais da região: Touriga Nacional, Tinta Roriz, Tinta Barroca, Touriga Franca e Tinta Amarela.

Possui adega, que para além dos tradicionais lagares de granito, está também dotada de depósitos inox de pequena dimensão para a vinificação em separado das diferentes castas existentes. Aqui se produz, só em anos excepcionais, o Quinta dos Quatro Ventos Reserva. São também provenientes desta propriedade o Quinta dos Quatro Ventos e o Foral.

Região: Dão - Vila Nova de Tazém

A Quinta da Garrida está situada em Vila Nova de Tazém, no concelho de Gouveia, na região demarcada do Dão. Com uma área total de 112 hectares, tem 80 hectares de vinhas com 15 anos e os restantes com novas plantações efectuadas com o recurso às mais modernas técnicas. A vinha é constituída pelas principais castas desta região, como a Touriga Nacional, Tinta Roriz, Jaen e Alfrocheiro Preto. Os solos são graníticos, ligeiros e pobres, típicos da região, que permitem a obtenção de vinhos com características muito próprias.

A nossa Adega situa-se em Gouveia e está dotada dos mais adequados equipamentos para a produção de vinhos de alta qualidade, possibilitando a vinificação em separado das castas existentes. Os vinhos provenientes desta propriedade, são vendidos com as marcas Quinta da Garrida Touriga Nacional e Quinta da Garrida.



QUINTA DA GARRIDA



QUINTA DAS BACELADAS



Região: Bairrada

A Quinta das Baceladas situa-se em pleno coração da Bairrada, na zona de Cantanhede. Foi nesta quinta com cerca de 5 ha que iniciamos o nosso desenvolvimento vitícola na região, plantando em 1991 a tradicional casta da região, a Baga, mas também as inovadoras Merlot e Cabernet Sauvignon.

As Caves Aliança possuem também outras pequenas vinhas plantadas em 2002 destinadas a dar continuidade ao seu projecto vitivinícola, privilegiando as castas Tinta Roriz e Merlot. Os vinhos provenientes desta propriedade, são o Quinta das Baceladas, Angelus e Aliança Galeria.

Região: Beiras - Figueira de Castelo Rodrigo

Situa-se no sopé da Aldeia histórica de Castelo Rodrigo e tem uma área total de 350 ha. Os seus solos apresentam uma estrutura franco-arenosa de base granítica e encontram-se também quartzitos e solos xistosos. Com um relevo pouco acentuado está situada, em média, a 550 m de altitude, sofrendo além da influência mediterrânea, uma influência claramente continental com acentuado arrefecimento nocturno. A precipitação média é de 550mm/ano, concentrada entre Outubro a Maio. A vinha plantada de novo, a partir de 1999, ocupa uma área superior a 90 ha, em que 27 ha são regados. A densidade de plantação varia de 3.086 a 3.738 pl/ha, sendo a condução da vinha em cordão bilateral. O encepamento é constituído por 57% de Tinta Roriz, 15% de Touriga Nacional, 12% de Syrah, 10% de Cabernet Sauvignon e 6% de Alicante Bouschet. São provenientes desta propriedade o Casa D'Aguiar e o D'Aguiar.



QUINTA D'AGUIAR



QUINTA DA TERRUGEM



Região: Alentejo - Borba

Situada no Alentejo, na freguesia da Terrugem, no concelho de Elvas, em plena região demarcada de Borba, é hoje um ex-libris dos vinhos alentejanos. Adquirida em 1991, possuía inicialmente 14 hectares de vinha e tem hoje cerca de 60 ha. plantados com as castas Aragonês, Tinta Roriz, Trincadeira, Periquita, Syrah, Cabernet Sauvignon e Alicante Bouschet.

A adega da Quinta da Terrugem está implantada num edifício de traça regional alentejana encastrado numa pequena elevação de terreno na propriedade, que permite o trabalho das uvas através do declive natural. Aqui se produz, só em anos excepcionais, o T Quinta da Terrugem, considerado como um dos melhores vinhos do Alentejo, o Quinta da Terrugem e o Alabastro.

em busca da felicidade perdida o existencialismo e o super-homem

Luis de Sousa

A vida não tem sentido. É absurda. Ninguém entende nada de nada acerca da vida.

É exactamente pelo facto de a vida não ter sentido; é exactamente pelo facto de a vida ser absurda; é exactamente pelo facto de ninguém entender nada de nada acerca da vida; é exactamente por, em última instância, entender-se que viemos do nada e que ao nada havemos de voltar (nihilismo), que não deveremos, nunca, deixar de propugnar por dar sentido à vida se quisermos viver.

Com efeito, no seguimento do que ora se vem de enunciar, começou-se por criar Deus e, com Ele, vivemos largos tempos até O matarmos com a negação de todos os princípios e valores que O suportavam.

E se, em consequência disso, “Deus morreu”, já não existe, só há um caminho: procurar novos rumos, novo sentido para a vida.

Nietzsche propõe, tendo em vista tal desiderato, que sejámos nós próprios a tomar nas nossas próprias mãos os nossos próprios destinos, e que o façamos substituindo-nos a Deus.

A acontecer o propósito por ele, Nietzsche, assim avançado, é inegável que deixaremos de ser Homens para nos convertermos em Super-Homens.

Então, como substitutos de Deus, ao ocuparmos o Seu lugar sem negar os mesmos objectivos da moral e da ética, pouco importa se esta ou aquela, e sem as quais, afinal, não se consegue viver em sociedade, não nos

restará outra alternativa senão pautarmos as nossas vivências de modo a almejarmos ser o máximo dos máximos da perfeição tal como pretensamente acontecia quando Ele era ainda vivo.

Daqui, pois, o existencialismo,

o dadaísmo, o surrealismo e todos esses “ismos” que foram por aí pululando a indicar novos rumos, novos caminhos em busca da felicidade perdida; “ismos” esses que, afinal, ainda por aí pululam na expressão hipervalorizada da massificação e do consumismo.



é urgente repensar o nosso desporto



acácio oliveira

O nosso desporto é o reflexo de uma sociedade onde o rendimento, o progresso científico e tecnológico, o desenvolvimento económico, conflituam muitas vezes com a visão prometedora de progresso e bem-estar social. Porque também o desporto contém as contradições inerentes a outras práticas sociais e à sociedade.

É hoje reconhecido que a excessiva comercialização do desporto constitui, porventura, uma das razões mais marcantes de um aumento da progressiva desregulação da moral desportiva, ameaçando voltar o desporto contra si mesmo, ao transferir uma lógica, um sentido e um modelo a que aprendemos a atribuir moral e formativo. A defender, por isso a sua presença na **escola** e em outros locais de **formação**.

O desporto moderno surgiu representando simbolicamente os ideais utópicos da sociedade industrial. Assentava na crença de que, perante a igualdade de oportunidades, o sucesso surgiria sempre aos melhores. O desporto sempre recusou a aceitar que o jogo era uma competição entre desiguais. Afirmou sempre o contrário: que seria um espaço de confronto e de avaliação de desempenhos corporais, onde a suposta igualdade de oportunidades entre os competidores permitiria que os melhores vencessem. E os melhores eram os mais **talentosos**. Só que o discurso desportivo esqueceu-se demasiadas vezes de explicar que os melhores não eram o resultado de uma selecção natural, mas o reflexo das condições sociais oferecidas aos praticantes para exprimir o que neles existia sob

forma potencial: **O seu talento ou capacidades desportivas**.

Um dos aspectos mais singulares que acabo de afirmar, está patente no lugar outrora atribuído ao chamado "**amadorismo**", durante décadas elemento estruturante de um dos valores nucleares do desporto e particularmente do **olimpismo** e hoje, conceito claramente ultrapassado.

A progressiva profissionalização do desporto, a crescente dinâmica da indústria do espectáculo desportivo colocou uma pedra sobre a visão idealista do próprio desporto. Radicalizou conflitos, suscitou antagonismos de interesses. Deslocou muitas vezes o centro de decisão desportiva dos seus palcos originais. Introduziu factores de perturbação nos valores matriciais do desporto. Colocou em crise alguns dos dogmas que durante décadas marcaram a sua identidade.

Mas, por muito desencanto que exista quanto à nossa realidade desportiva actual, por muita desintegração de ideais e de sentimentos que nos habituámos a ligar ao desporto, **não podemos deixar de exigir uma nova mensagem cultural**. Para isso o desporto tem que ter as suas causas. Tem de possuir princípios que sejam inegociáveis. Tem de defender a sua identidade. Não em termos de retórica beata, ou de um discurso

desportivamente correcto, ainda que vazio no seu compromisso social.

A questão essencial é dar sentido formativo à regulação dos comportamentos em situação competitiva, no âmbito dos que o praticam, treinam, dirigem, assistem ou comentam.

Para que esse objectivo seja alcançado é necessário que a nossa sociedade seja mais civilizada.

E isso, só é possível com pessoas mais bem-educadas, melhor formadas. Com uma sociedade onde existam **referências e valores**. Com um **sistema desportivo** que promova graus de exigência elevados no domínio dos comportamentos e das atitudes.

Ao **nosso actual governo da Nação** requiere-se, naturalmente, uma **também maior intervenção**, designadamente ao nível da criação das disposições normativas que imponham limites às acções e atitudes que pervertem o **sistema desportivo**.

O NOSSO DESPORTO carece urgentemente de um movimento referenciador com valores e princípios que enalteçam o prazer da competição no respeito pela lealdade e fraternidade envolvendo todos quantos estão ligados ao acto desportivo: atletas, treinadores, árbitros, dirigentes, público e governantes deste país, que tão longe estão de ser exemplo.



áfrica minha... sonho meu

julio cirino

No Outono de 2002, fui convidado a ministrar um Curso de Treinadores de Atletismo em Angola, o que muito me alegrou. É que eu, mesmo sem saber porquê, há muito sentia uma atracção irresistível pela “terra-mãe África”. E lá entrei nesta maravilhosa aventura acompanhado pelo prof. José Santos (Zé), que já por lá tinha andado durante vinte e três anos.

Chegámos ao Aeroporto Internacional de Luanda às seis e meia da manhã, do dia 29 de Novembro. Durante a aterragem, ia espreitando pela janela e o meu primeiro contacto com aquele pedaço de terra africana foi com o Bairro Cassequel (antigo Américo Tomás) composto por inúmeros musseques, onde o sofrimento é bem patente num país de “tanta luta e tanto luto”!

Depois do cumprimento das formalidades alfandegárias, e já fora do aeroporto, pude sentir, por fim, o cheiro de África, que é qualquer coisa de indiscutível. Parei e respirei a plenos pulmões...

No percurso para o hotel, feito no jipe do Sr. Carlos Graça, então dirigente da Federação Angolana, ia apreciando os magotes de gente trajando roupa multicolor. Aqui vivem cinco milhões de habitantes!

As mulheres, de cestos à cabeça e com os filhos às costas, calcorreavam as depauperadas artérias luandenses com a sola que não vai ao sapateiro. Assim lutam pela vida que lhes continua a ser madrastra, porque a



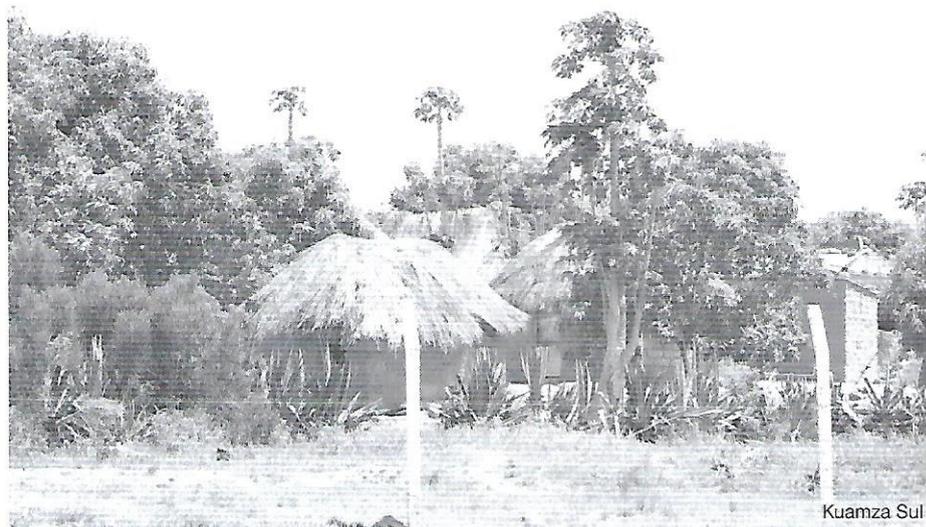
panela continua sem pitéu. Apesar disso, Luanda é uma das cidades mais seguras de África.

Durante a nossa curta viagem, passámos pelos Bairros do Prenda e do Catambor, pelo Cinema Aviz e pela Rádio Nacional de Angola.

Por aquilo que durante muito tempo ouvi contar, imaginava Luanda como uma cidade bonita, mais ou menos limpa, bem iluminada, mas agora estava a verificar que ainda é preciso esperar mais algum tempo para que este sonho se concretize. Ali, até o lixo é pobre!

Estávamos no término da viagem, que durou cerca de um quarto de hora. Depois de tirarmos as malas, entrámos no hall do hotel Continental, que se localiza mesmo defronte ao Monumento dos Cubanos. Fiquei alojado no quarto nº105, com vista para um pequeno terraço florido. Esta unidade hoteleira é muito acolhedora pelo ambiente familiar que proporciona e pelos seus pequenos-almoços que incluíam sumo natural dos mais variados frutos tropicais.

Três dias depois, por indicação da organização, mudámos para o Hotel Presidente, situado junto à Capitânia de Luanda. Nessa altura a cidade deixava de estar pejada de estrangeiros que iam assistir a um eclipse, que ocorreu na altura, e que seria mais visível no Sumbe (antigo Novo Redondo), no Kwanza-Sul.



Kuamza Sul

Vista deste ângulo a Baía tem mais encanto. Daqui podemos vislumbrar, ao longe, o Hotel Panorama, a Casa do Desportista e a Fortaleza de Luanda, debruçada na colina que lhe serve de berço. Tudo isto está muito bem adornado pelos velhos coqueiros que continuam a dar mais vida à marginal.

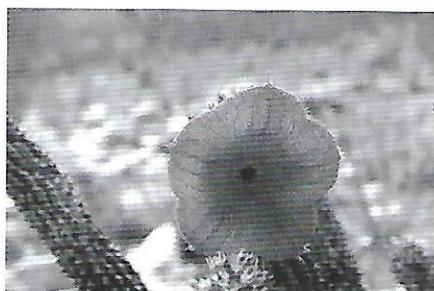
Naquela terra colam-se à memória nomes e sensações. Ali tudo é novidade para quem lá vai pela primeira

vez: a gastronomia, as ruas sempre apinhadas de gente, que só por milagre chegará a velha, as quitadeiras, que parece que nos estão sempre a atirar beijinhos, o comércio de rua, onde os separadores da estrada que ligam a Maianga à Mutamba servem de mostruário aos compradores, ou os alguidares coloridos das zungueiras, que zungam na Rua da Missão, etc.

Ouvi ainda falar do forró, da kizomba, da massemba ou da rebita, do “Roque Santeiro”, onde até mísseis terra-ar se vendiam, e do muzongué. Mesmo as peripécias que nos iam acontecendo, desde o pifar do elevador no 17º andar, por colapso momentâneo da electricidade, à falta repentina de água, por vezes ainda de cor barrenta, os fios eléctricos das casas ensarilhados e ao “pendurão”, algumas paredes crivadas de balas, os engraxadores que, sentados numa lata de fundo para o ar, engraxam os sapatos dos clientes enquanto o diabo esfrega um olho; os lavadores dos carros empoeirados, lavam rodas e tudo, que pouco tempo depois já estão novamente cheios de pó para voltar a ser lavados, até ao distribuir de alguns kwanzas para a

“gasosa” dos meninos que deambulam dia e noite pelas ruas luandenses após o desaparecimento dos pais, às vezes quase desde a nascença, tudo isto serviu para aumentar a minha admiração pelas gentes daquelas terras. As gentes africanas...

Rapidamente comecei a tratar a gastronomia indígena por tu. Desde os pratos típicos de muamba de galinha, o calúlu de carne seca, passando pela



quizaca, lombi de abóbora, ginguba de cabrito, feijão de óleo de palma com mufete, tendo como guarnições o funge de bombó, de milho ou de massango.

Tudo marchou, porque gosto de provar novas iguarias, o que espantou o meu colega desta aventura que se mostrava surpreendido com a minha fenomenal adaptação à comida africana. Mesmo quando falávamos com alguém desconhecido nas ruas muito bem adornadas de acácias floridas, pelo meu aspecto, meio-monhé, dirigiam-se a mim como africano, eu que nunca tinha estado em Angola!

Demos algumas voltas, a pé, passeando junto ao Mercado do Kinaxixi, de mão dada com a rainha N'Ginga; passámos pela Câmara, pintada de um azul claro semelhante ao da estação de Santa Apolónia; visitámos a Escola D. João I e estivemos no Cinema Miramar onde, nas noites tropicais de Luanda dos bons velhos tempos, se podia assistir aos tão famosos filmes ao ar livre. Aqui, os namorados, de mãos entrelaçadas com a suas "mais que tudo", aproveitavam para lhes roubar o primeiro beijo, na esperança de um dia as levarem ao altar, num sublime acto de amor e dar continuidade à espécie humana. E

penso que foi por isto e por outros recantos e encantos citadinos que nasceu, na sua simplicidade, a velha canção:

- Luanda é linda / É de bem-querer / A minha cidade é linda / Hei-de amá-la até morrer.

Visitámos o "Km 17", em Benfica, para comprar meia dúzia de pequenas peças artesanais para os amigos, tendo como cenário, ao fundo, a bela ilha do Mussulo, recheada de coqueiros frondosos.



Estivemos também no Cacuaco, adornado pelo lago Kilunda, onde fomos presenteados, na casa de uma amiga do Zé, a Fernanda Carrolo, com uma santola para cada um, que foi devorada debaixo de uma palmeira carregadinha de dendém.

Curso de Atletismo

O nosso trabalho não foi fácil. As aulas práticas começavam às sete da manhã, por causa do calor, e das dez ao meio-dia dávamos aulas teóricas numa sala pertencente ao Comité Olímpico Angolano, que está inserido no

Complexo Desportivo da Cidadela. Da parte da tarde iniciávamos às três, estendendo-se as aulas até às seis da tarde. À noite era preciso dar uma vista de olhos pela matéria que íamos ensinar no dia seguinte. Depois dormíamos, sempre a correr, porque o novo dia começava por volta das cinco da manhã. O astro-rei africano tem o condão de nos inspirar a amar a madrugada.

Por vezes, aproveitava para antes das aulas ir dar treino a dois jovens na praia existente à entrada da "ilha de Luanda". Mas as suas ausências foram mais que muitas! Ou adormeciam, ou tinham que ir à missa, ou qualquer outra desculpa ainda mais esfarrapada. Parece que por lá isto é normal acontecer!

Aliás, em Angola, aprendi que tudo na vida é normal. Chegar atrasado, é normal; se chove, é normal; se está muito calor, é normal; se há um acidente, mesmo com mortes, é normal. É tudo normal naquela bendita terra.

Em Roma, sê como os Romanos - diz o ditado. Por isso, tive que passar a encarar a vida como os africanos a encaram para melhor poder superar alguns percalços que amiúde entravam em rota de colisão comigo.

O caso que passarei a narrar, que aconteceu numa aula de lançamento do peso, tem que ser considerado como coisa normal, apesar da sua "anormalidade" aqui para as nossas bandas. Diziam-me que havia pesos guardados não sei bem onde, mas a secretária do curso esqueceu-se de os trazer por mais de meia dúzia de vezes. Ainda tentei arranjar cocos, mas, na esperança que tudo se resolvesse a contento, já não fui a tempo de o fazer.

Como a aula tinha que ser dada, não tive outro remédio se não socorrer-me de uns calhaus que encontrei no largo barrento, existente mesmo à entrada do Estádio. Foi aí que acabei por dar a conhecer os segredos da arte de lançar.

Só que nessa altura decorria, também, no Pavilhão do Complexo da Cidadela, a Taça dos Clubes Campeões Africanos de Basquetebol. Num intervalo, entre dois Jogos, os espectadores vieram tomar ar e, alguns dos mais curiosos, dirigiram-se para o local onde estávamos a trabalhar. Pensei, vamos ter assistência, o que é bom para a motivação dos formandos.

Pouco depois começaram a discutir uns com os outros, penso que em kimbundo, sem eu perceber patavina do que diziam. Só sei é que os meus 23

formandos estavam contra o grupo “invasor” e vice-versa!

No meio daquela barafunda toda, houve um que ao retirar-se disse quase em português perfeito:

- Muito eu gostava de saber porque é que os “pulas” não-de vir para aqui ensinar os angolanos a atirar pedras!

Só depois é que soube o que eram “pulas” e que eles se preparavam para dar um enxerto ao “pula” (português) que eu sou, porque julgavam que eu tinha ido para ali gozar com eles, pondo-os a atirar pedras. Tudo normal, portanto.

Vêm como eu já estou adaptado ao pensar africano?

No seio de África



Num fim-de-semana, livre de aulas, fizemos um passeio ao Sumbe para visitar um familiar do Zé. Saímos às cinco e meia da manhã, já com sol alto, para uma viagem que demorou aproximadamente seis horas.

Aqueles 350Km de estrada, quase sempre recta e plana, estavam uma lástima! As lagartas dos tanques que perpetraram a guerra fratricida durante uma eternidade, abriram crateras de tal ordem que, por vezes, éramos obrigados a sair para as picadas existentes, alternativas à estrada, o que tornou a nossa viagem bastante morosa e cansativa.

Por nós passavam, a toda a pressa, ziguezagueando por entre os buracos existentes, os famosos táxis azuis do “processo”, de 18 lugares, com tejadilho branco. Sem grande problema podem transportar mais alguns passageiros, podendo ter por

companhia sacos de milho ou de farinha, ou até mesmo uma galinha que se tenha comprado a bom preço!

Pelo caminho encontrámos de tudo. Próximo da ponte do rio Kwanza avistámos um porco preto a sair da mata. Um pouco mais adiante, alguns macacos entretinham-se a brincar na estrada. Antes de chegar à Barra do Rio Longa, dois ou três miúdos vendiam peixe apanhado na ocasião, penso que cacussu, ainda espetado nos paus. Outros queriam vender-nos camarão e santola. E foi aí que me apercebi o que era a vida nesta “terra do feitiço”, a África verdadeira, onde a mão do homem “civilizado” pouco tinha alterado à paisagem e ao modo de ser daquela boa gente indígena.

Pouco depois parámos. Eu, de câmara de filmar em punho, assisti a uma situação comovente de ternura: o

Contrastando com a alegria do Zé, um antigo criado, o Manuel, a habitar nos anexos da casa com a mulher e uma ranchada de filhos, estava muito assustado, porque pensava que ovínha-



mos expulsar dos terrenos onde há muitos anos vivia. Mas não, quem os visitava era gente de bem e, pouco depois, já mais tranquilo, lembrou ao menino Zé o dia em que ele caçou cinco pacaças! Apesar do receio inicial, ainda hoje se deve lembrar, com alguma alegria, da nossa visita.

Uma coisa que ainda hoje não compreendi foi a insistência do Zé para que eu filmasse um pequeno tanque para a lavagem da roupa, de paredes já corroídas pelo tempo, existente na frente da casa! Cheira-me a que aquele velho tanque tenha a ver com o momento em que ele, pela primeira vez, conseguiu provar as delícias do fruto que se não for cultivado com muito amor, a espécie humana deixa de existir! Ele diz que não, mas...

Passado uma boa hora, lá retomámos a viagem e, à beira da estrada, mais vendedeiras, agora com fuba e peixe fumado. Seguíamos na direcção de Porto Amboim, onde fizemos uma paragem para reabastecer o carro do Luís Muholo, formando do curso e antigo recordista de Angola dos 3.000m obstáculos, que fez o favor de nos transportar. Aproveitámos também para nos dessedentarmos com uma refrescante Cuca, porque o calor não estava para brincadeiras.

Quando nos dirigíamos novamente para o carro, vimos, numa velha fonte, construída ainda no tempo colonial, crianças das mais variadas idades, trajando roupa ligeira, muito colorida, chapinando na água corrente. Faziam grande algazarra, própria de quem se está a sentir feliz por ter uma pausa naquele calor abrasador.

No Cruzamento dos Petróleos, tentámos virar para a esquerda, para a estrada da Gabela, mas fomos informados de que só de jipe o poderíamos fazer, demorando mais de



quatro horas para percorrer os cerca de 80 quilómetros que faltavam para lá chegar!

Não valia a pena tentarmos. Com este percalço, sei que fiquei mais pobre, eu que tanto gostava de ver as famosas Cachoeiras do Rio Queve, existentes 30 quilómetros mais adiante. Fica para a próxima...

A caminho do Sumbe

Prosseguimos a viagem, agora numa estrada em melhor estado. O sol banhava as nossas almas e, por isso, a conversa era bastante animada. E foi neste clima de alegria que entrámos no Sumbe. Aqui, tudo parecia mais bem organizado e muito mais limpo do que na grande Luanda. Sentia-se o cheiro a maresia, já quase na outra ponta do Atlântico. Nesta terra o mar é mais azul, correspondendo integralmente às expectativas que eu tinha de Angola.

Mesmo ali ao lado estava uma enorme tenda branca onde os cientistas, dias antes, tinham observado o eclipse. Afastei-me um pouco e, pela segunda vez, respirei a plenos pulmões.

Sentei-me, sozinho, na areia branquinha, olhando em silêncio a linha da praia, sem me sobrar peito para albergar a alegria que sentia. Sonhei com a vida, com a harmonia em que o homem pode viver e que, dia-a-dia, vai desperdiçando, particularmente naquele país “do lado de baixo do

Equador” que Deus continua a abençoar com a sua riqueza natural. Que pena que o “macaco louco” que nós somos não permita o seu usufruto pleno!

Pouco depois regresssei ao convívio dos meus companheiros. O almoço foi servido por duas gentis meninas numa esplanada situada à beira-mar, debaixo de uns coqueiros, um verdadeiro oásis, encimado pela Igreja Matriz. Veio uma travessa de “piazete”, peixe tradicional africano, muito bem adornada por iguarias da região que devorámos com gosto.

O calor, que não estava para brincadeiras, fez-nos beber, de uma assentada, duas ou três Ekas...

De regresso a Luanda

Depois da visita aos familiares do Zé, estava na hora de regressar. Sabíamos que já só à noite chegaríamos a Luanda. Ah, quase que me esquecia de referir que viajámos acompanhados de uma ilustre personalidade, a neta do ex-presidente Agostinho Neto e sobrinha do nosso motorista de ocasião.

Atravessávamos agora a densa mata, com grande diversidade na fauna e na flora. Como já antes referi, o alcatrão da estrada, pintado de vermelho pela



terra barrenta, tinha troços que mais pareciam uma rendilhado de bilros do que um percurso rodoviário. Em dada

altura foi-nos feito sinal de paragem por uns petizes, tirados das suas brincadeiras, que nos exigiam o "pagamento de portagem" para continuar a viagem! Tinham tapado um dos mil buracos que existiam à sua volta por tapar.

Sorrimos da argúcia dos putos e presenteámo-los com a comida que levávamos. Foi uma festa. Abandonaram de imediato o seu "posto de trabalho" e correram a sete pés, por entre as "mubangas", para as cubatas. Tinham o dia ganho. Já que estávamos parados, aproveitámos para descansar um pouco. A vegetação era luxuriante. De onde a onde viam-se morros de salalé que, por certo, iriam fazer as delícias das galinhas pedreses, do

mato, que por ali andavam a cacarejar.

Como prevíamos, chegámos ao hotel já sob a capa do lindo luar de Luanda, que beijava as tranquilas águas da Baía. Vínhamos cansados, mas felizes...

Quase de regresso ao "Puto"

Uma coisa que adorei em Luanda foi a missa, cantada em



kimbundo, a três ou quatro vozes, na Igreja da Nossa Senhora da Nazaré. Que fé se sente naqueles cristãos puros, com

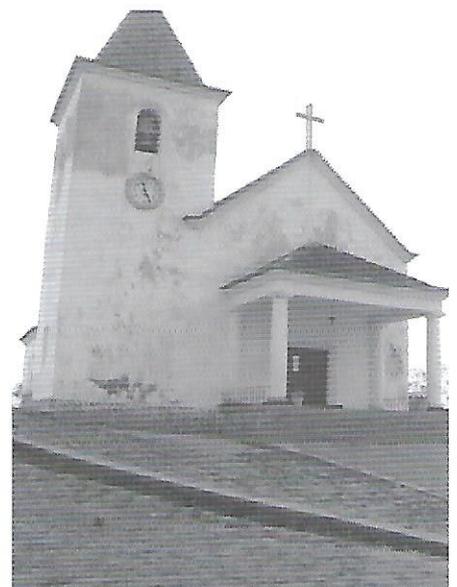
algumas necessidades básicas bem patentes.

A verdadeira religião ali está, na sua simplicidade, para quem a souber ver. Que olhar de doçura e tranquilidade se via no rosto do pároco, padre José Bragança, com quem tive oportunidade de privar.

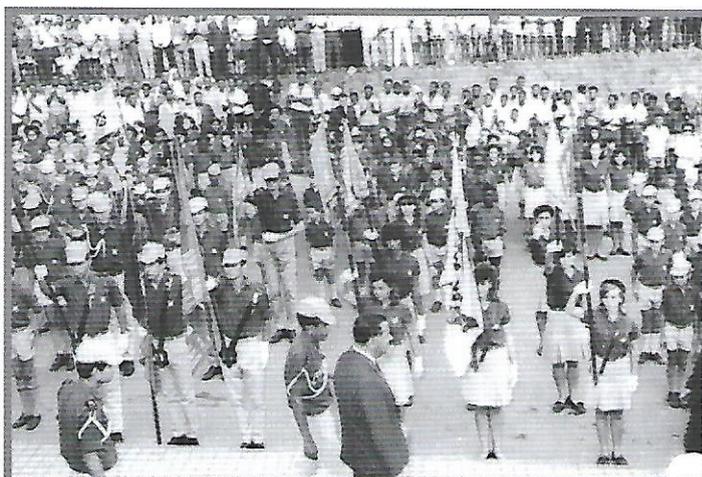
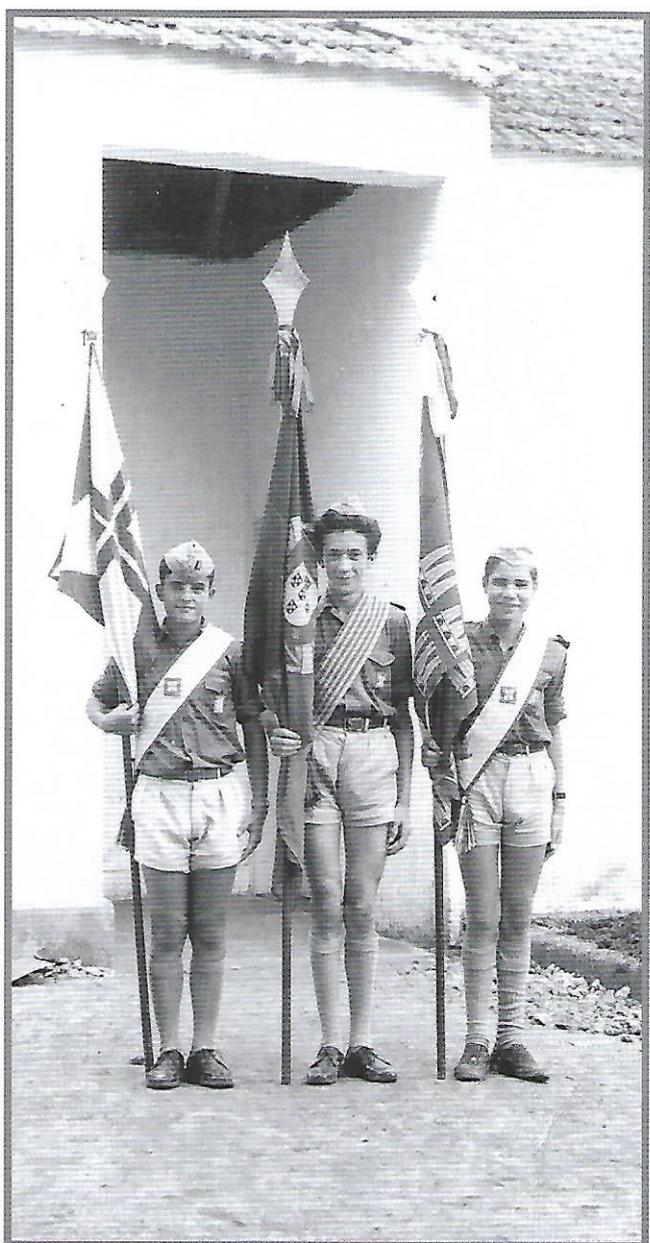
Depois de uma estadia de vinte e dois dias em Angola, e de um insólito *check-in* que durou mais de três horas e meia, por não termos querido entrar no "esquema", lá regressávamos ao "Puto", com o Zé a gritar que nem uma parturiente no final do tempo, porque uma incómoda lombalgia teimava em lhe carcomer o corpo e a já tão esfarrapada alma.

Se a isto juntarmos uma cabeçada que ele tinha dado, dias antes, num ferro do Estádio da Cidadela, que o brindou com sete pontos no sobrolho esquerdo, vejam lá a vida dele, e a minha sorte, que quase tive que andar com um gajo daquele tamanho ao colo! E tudo isto num homem que dizia conhecer Angola como as palmas das suas mãos. Vejam lá o que seria se não conhecesse!

Mas, fora de brincadeiras, Angola marcou-me tanto que passei a ser um telespectador assíduo da RTP ÁFRICA. Obrigado Zé, pelo enriquecimento que me proporcionaste, mas ainda me hás-de contar melhor aquela história do tanque...



álbum...



CAMAPE – CONSTRUÇÕES, LDA – IRMÃOS CASTRO



25 anos a construir com qualidade, rigor e segurança